

Construção da base: notas etnográficas sobre o Centro de Desenvolvimento de Futebol Feminino no Recife¹

Laura Martins²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

A presente pesquisa investiga a estruturação do futebol de mulheres no Brasil, com ênfase no Centro de Desenvolvimento de Futebol Feminino (CDFF), em Pernambuco, como iniciativa voltada à formação esportiva de meninas. Por meio de uma abordagem etnográfica, foram realizadas observações de campo e entrevistas com alunas, professores e responsáveis entre abril e maio de 2025. Os resultados indicam avanços importantes, como a criação de um espaço exclusivo para meninas e a oferta de um suporte multidisciplinar, mas também revelam persistentes lacunas estruturais ainda presentes na modalidade.

PALAVRAS-CHAVE: futebol feminino; formação de atletas; base; política pública; etnografia.

CORPO DO TEXTO

O desabafo emocionado de Marta, direcionado à nova geração de meninas após a eliminação da Seleção Brasileira da Copa do Mundo Feminina de 2019³, ressaltou a necessidade do processo de renovação no futebol de mulheres. Maior referência da modalidade, a camisa 10, ao dizer que “o futebol feminino depende de vocês [meninas] para sobreviver” (Kestelman, 2019, s/p), fez um apelo para que mais mulheres sonhem, lutem e ocupem seus espaços historicamente negados no esporte (Goellner, 2005). Apesar de reconhecer a simbologia do discurso de Marta, tal processo, naturalmente, não depende somente do esforço individual das atletas, mas da responsabilidade de diferentes agentes sociais. Existe uma lógica estrutural de marginalização da modalidade, traduzida em uma segregação clara entre as práticas femininas e masculinas e sustentada por um ciclo de inoperância.

Ninguém diz que é contra o futebol profissional jogado por mulheres, mas, no cotidiano, vemos essas afirmações aparecendo como naturais por toda parte: não se investe porque não tem visibilidade, porque o jogo não é tão “bonito”, etc. Tal discurso produz um círculo vicioso que justifica a imobilidade de instituições que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: lauramartins@icloud.com

³ Disponível em: [Emocionada, Marta dá recado a jogadoras mais novas: "O futebol feminino depende de vocês"](#). Acesso em: 5 maio 2025.

poderiam alterá-lo (clubes, ligas, federações, municípios, possíveis patrocinadores).
(Anjos e Dantas, 2017, s/p)

Nesse aspecto, pode-se destacar a escassez de oportunidades para meninas no futebol a nível nacional (Mitidieri; Biram, 2023), contraposto pelas diferentes faixas etárias e divisões específicas para o público masculino. Isso se dá, principalmente, pela falta de investimento regular, estrutura e planejamento para o futebol de mulheres (Januário, 2017). Acerca da deficiência sistêmica nas etapas de formação, Mitidieri e Biram (2023, p. 215) explicam também que “a falta de espaços formalizados para as meninas jogarem é claramente uma das maiores barreiras enfrentadas pelo futebol feminino”.

Dentro desse contexto de precariedade da estruturação da modalidade no país, especialmente pela falta de políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo de meninas e mulheres que desejam praticar futebol (Goellner, 2005), garantir a criação de condições equitativas para o acesso, a permanência e a valorização das mulheres nesse esporte é uma necessidade premente. Foi justamente com a proposta de "incentivar, desenvolver e democratizar o acesso à formação esportiva na modalidade de futebol para crianças, jovens e adultos, garantindo, com qualidade, o direito constitucional ao esporte e promovendo a descoberta de novos talentos" (Folha de Pernambuco, 2024, s/p) que surgiu o Centro de Desenvolvimento de Futebol Feminino (CDFF), vinculado à Secretaria de Educação e Esportes do Governo de Pernambuco e à Estratégia Nacional para o Futebol Feminino⁴ do Ministério do Esporte. O CDFF tem como sede o Parque Santos Dumont, localizado no bairro de Boa Viagem, zona sul da capital pernambucana, e é destinado para meninas a partir dos 12 anos. Inaugurado em março de 2024, foi o primeiro espaço desse tipo a ser implementado no eixo Norte-Nordeste e atualmente tem cerca de 200 alunas.

A partir desse cenário, esta pesquisa realiza uma análise etnográfica, com base nos estudos de Michael Angrosino (2009), que busca compreender como as atividades realizadas, as condições estruturais do espaço, bem como as interações entre alunas e professores do projeto, podem responder, na prática, aos desafios estruturais enfrentados pelo futebol de mulheres no Brasil. Por meio disso, pretende-se, ainda, identificar como

⁴ Disponível em: [Estratégia Nacional para o Futebol Feminino — Ministério do Esporte](#). Acesso em: 28 abr. 2025.

o CDFD contribui para o fortalecimento da modalidade, considerando as especificidades do contexto social e geográfico em que está inserido.

Inicialmente, cabe contextualizar que as visitas realizadas pela pesquisadora tiveram como finalidade a produção documental para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco. Durante o período entre abril e maio de 2025, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com alunas, professores e responsáveis para compreender as dinâmicas do projeto e as percepções sobre o impacto deste tanto no âmbito pessoal quanto social. As entrevistas, aliadas à observação direta, constituem a base desta pesquisa etnográfica.

A infraestrutura do CDFD conta com um campo de gramado natural, arquibancada, banheiros e salas de apoio para os professores. O espaço é destinado exclusivamente às atividades do projeto, fato que ganha destaque dos professores por ser um diferencial em relação a outros espaços e por garantir maior autonomia para a realização dos treinos - como pontuou Flávia Espínola, coordenadora do projeto:

Aqui a gente tem um espaço que as meninas se sentem à vontade, onde só tem outras meninas. Elas não precisam dividir espaço com meninos ou se sentirem, talvez, excluídas. Eu sempre joguei futebol. Na minha época, não tinha espaço só para meninas. Era difícil, inclusive, encontrar espaços para que a gente pudesse jogar futebol. (Espínola, entrevista concedida à autora, 10 abr. 2025)

No primeiro dia de visita, reservado para a pré-produção da pesquisa, foi possível observar que o gramado se encontrava em condições bastante precárias. De acordo com os relatos, o fato era uma consequência direta de um evento do Governo de Pernambuco realizado no Parque Santos Dumont no final de 2024. Durante o período, as atividades com as atletas foram temporariamente suspensas e resultou não somente em impactos visíveis nas condições do gramado, mas teve a evasão de algumas atletas como um agravante a mais. Dois dias depois, no início das gravações, uma equipe já trabalhava por melhorias no local. Esse episódio evidencia uma fragilidade estrutural, infelizmente, comum ao futebol de mulheres, uma vez que o investimento simbólico nem sempre se traduz em suporte técnico-operacional efetivo.

As atividades se desenvolvem às terças e quintas-feira, entre os três turnos. Em conversa com a coordenadora Flávia, que atua no projeto junto com outros três professores, ficou evidente que a maior procura ocorre no período noturno – horário dito como mais viável para muitas alunas que conciliam a participação no projeto com outras atividades, como escola ou trabalho. As visitas de campo, no entanto,

concentram-se nos turnos da manhã e tarde, justamente em um momento de formação das novas turmas para 2025, o que resultou em grupos um pouco reduzidos e em dinâmicas ainda na fase inicial, apesar da presença de meninas remanescentes do ano anterior. Inicialmente, a proposta era organizar as participantes nas categorias sub-15, sub-17, sub-20 e sub-20+. Todavia, segundo a coordenadora, a divisão foi readequada com base no nível de experiência das alunas, agora organizadas em iniciantes, iniciadas e avançadas. Percebe-se como a mudança, embora compreensível diante do pouco tempo de atuação do centro, mostra a ausência de uma formação contínua e estruturada no futebol feminino de base no país.

Em resumo, a atividade começa com o treino de fundamentos técnicos, como passe, domínio de bola, condução e finalização. Esta etapa inicial, de caráter mais formativo, é fundamental para o desenvolvimento das habilidades básicas que sustentam a prática do futebol (Bettega et al., 2015), sobretudo considerando o público-alvo do projeto – formado, em partes, por meninas que estão tendo seu primeiro contato com o ensino técnico da modalidade. Os treinos se encerram com a prática de um coletivo, para que as alunas possam aplicar, em um contexto mais dinâmico, os elementos trabalhados na etapa anterior. De forma geral, as orientações fornecidas pelos professores eram claras e direcionadas, com certa ênfase na repetição dos fundamentos.

O projeto, contudo, ultrapassa o treinamento técnico e tático ao integrar uma estrutura multidisciplinar com serviços de psicologia, odontologia e fisioterapia. No último dia de gravação da pesquisa de campo, por exemplo, as alunas foram encaminhadas para uma roda de conversa com a equipe de psicologia ao término das atividades. Para o professor Jailton Cintra, o CDFF “dá toda uma condição necessária para que aquelas meninas que gostam da modalidade evoluam cada vez mais”.

Essa abordagem integrada está alinhada às perspectivas contemporâneas da formação esportiva, no qual compreende o processo de formação esportiva também pelas dimensões físicas e psicológicas. (Bettega et al., 2015, p. 798).

De acordo com Jailton, seis atletas do centro foram aprovadas em uma seletiva e agora integram as categorias de base do Sport Club do Recife⁵. Algumas conciliam as

⁵Fundado em 1905, o Sport Club do Recife é um dos clubes mais tradicionais do futebol nordestino, com conquistas importantes na modalidade masculina, como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil. No futebol de mulheres, no entanto, a trajetória do clube tem sido marcada por períodos de instabilidade. Em 2025, o Sport participa da Série A do Campeonato Brasileiro tanto no masculino quanto no feminino.

atividades do CDFF e do clube. Dentre elas, está Maria Luiza, 14 anos, que foi entrevistada para o documentário. Apesar da idade, ela faz parte da categoria sub-16. O adiantamento precoce de atletas às categorias acima de sua faixa etária é um fenômeno crônico no futebol brasileiro. Embora também ocorra no masculino, seus efeitos são ainda mais agravantes no feminino, onde a estrutura de base é mais frágil e as oportunidades de desenvolvimento são mais limitadas. O movimento, muitas vezes interpretado como sinal de talento ou mérito, na verdade reflete as lacunas estruturais do futebol de base para meninas.

Temos hoje no Brasil meninas de 16 anos competindo com mulheres de 30, e este fato não se deve ao excesso de habilidade da mais nova e sim pela falta de campeonatos nacionais que priorizem as categorias de base, fazendo com que estas meninas pulem as etapas de treinamento necessárias para formação de uma atleta. (Ramos, 2023, s/p).

Quando conversei com Luiza, ela destacou, sobretudo, o papel do CDFF na construção da base técnica, já que muitos desses elementos não são ensinados com a devida atenção em espaços reservados para práticas esportivas mais avançadas.

Durante o período de observação, foi possível perceber também a presença de responsáveis, especialmente mães, acompanhando as atividades. Nesse sentido, chamou a atenção a postura de um pai que, de forma ativa, orientava e incentivava a filha, inclusive sugerindo pequenos ajustes na postura em campo e nas tomadas de decisão durante os exercícios. Pude ver, ainda, a presença de filhos de algumas alunas no local, de modo a mostrar a multiplicidade de papéis desempenhados por essas mulheres, que conciliam a prática esportiva com a maternidade.

Por último, volto a mencionar Maria Luiza para acrescentar sobre a visão crítica quanto ao lugar feminino no futebol. Ao ser questionada sobre os motivos da persistente desvalorização das mulheres nesse contexto, a adolescente de 14 anos traduziu, despretensiosamente, as marcas dos discursos culturais que associam o futebol à força física e à masculinidade ainda sustentam práticas excludentes: “O [futebol] masculino foi o começo, e como os homens eram mais valorizados ‘no antigo’, as mulheres eram consideradas como se não tivessem força, essas coisas assim”. No início do século passado, o futebol não era recomendado para as mulheres por ser considerado muito violento para a conformação corporal feminina (Goellner, 2005). Ao longo do trabalho de campo, percebi que muitas das alunas do CDFF têm reflexões semelhantes quanto às marcas históricas da desigualdade de gênero dentro do futebol.

Como resultados iniciais, observa-se o potencial do CDFF em contribuir de forma significativa para o fortalecimento do futebol local, ao promover, de maneira alinhada às demandas do público atendido, o acesso à prática esportiva, a formação técnica qualificada e o desenvolvimento social das participantes. Assim, reforça a importância de políticas públicas estruturadas para o fortalecimento do futebol de mulheres no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANJOS, L. A. dos; DANTAS, M. de M. **O “problema” do futebol jogado por mulheres**. Ludopédio, São Paulo, v. 95, n. 30, 2017. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquivancada/o-problema-do-futebol-jogado-por-mulheres/?srsltid=AfmBOopnhTYEo-iiLUH_y5QjmC_zGb2kbQ74Tsf3PVNvCVERw7Kdzkrq. Acesso em: 5 maio 2025.
- BETTEGA, O. B. et al. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Movimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 791-801, 2015.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **Primeiro Centro de Desenvolvimento do Futebol Feminino do Brasil é inaugurado no Recife**. Folha de Pernambuco, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/esportes/primeiro-centro-de-desenvolvimento-do-futebol-feminino-do/322027/>. Acesso em: 5 maio 2025.
- GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 19(2), p. 143-151, 2005.
- JANUÁRIO, S. B. **Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil**. FuLiA/UFGM, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13792>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- KESTELMAN, A. **Emocionada, Marta lamenta eliminação e dá recado a novas jogadoras: 'O futebol feminino depende de vocês'**. GE, 23 jun. 2019. Disponível em: [Emocionada, Marta dá recado a jogadoras mais novas: "O futebol feminino depende de vocês"](#). Acesso em: 5 maio 2025.
- MITIDIERI, M. C. de A.; BIRAM, M. **Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo**. Praxis for social transformation: the case of Meninas em Campo. Tradução de Maria Cristina de Azevedo Mitidieri. Rio de Janeiro: Unirio, 2023.
- RAMOS, S. dos S. **Futebol Feminino e a dúvida do amanhã**. Ludopédio, São Paulo, v. 80, n. 1, 2016. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/futebol-feminino-e-duvida-do-amanha/?srsltid=AfmBOos3lkPUcV76HFZf8DOZyBA7IccnI2lOqiYPO4lgCzdxiIx9w9K>. Acesso em: 5 maio 2025.